

PELOS 300 ANOS DA GUERRA DOS EMBOABAS E DO “CAPÃO DA TRAIÇÃO”

José Antônio de Ávila Sacramento

Houve em Minas Gerais, no início dos anos setecentos, sérios desentendimentos entre os descobridores do ouro e forasteiros que desejavam usufruir do minério achado na região: uma forte corrente humana que aqui se aportou, com gente de todas as classes, etnias e origens geográficas. No livro *Cultura e Opulência do Brasil*, do padre João Antônio Andreoni (Antonil), encontramos a seguinte referência do afluxo de pessoas a Minas Gerais: *"a sede do ouro estimulou tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas, que dificilmente se poderá dar conta do número de pessoas que atualmente lá estão..."*.

Aquele afluxo de forasteiros desagradou aos paulistas por terem eles descoberto as minas, por elas se encontrarem em sua capitania, e, assim, reivindicavam o direito exclusivo para explorá-las; os paulistas referiam-se aos recém-chegados nas minas com o apelido pejorativo de *emboabas* (em tupi, galinha de pernas emplumadas). Os emboabas aclamaram o português Manuel Nunes Viana, que enriquecera com o contrabando de gado para a zona mineira, como governador das Minas do Ouro, mas ele foi hostilizado por Manuel de Borba Gato, um dos mais respeitados paulistas da região, e nos conflitos que se seguiram, os paulistas sofreram várias derrotas e foram obrigados a abandonar boa parte das suas minas, episódio que se deu entre os anos de 1707 e 1709 e ficou conhecido pelo nome de Guerra dos Emboabas.

Com a derrota e a conseqüente expulsão, vários paulistas estacionaram-se na região situada entre os Arraiais da Ponta do Morro (atual Tiradentes) e Novo de Nossa Senhora do Pilar (atual São João del-Rei), provavelmente na região da Fazenda do Córrego. Sabedores que lhes vinha em perseguição uma coluna de cerca de 200 homens comandada por Bento do Amaral Coutinho, dali fugiram embrenhando-se no mato, mas foram sitiados e exterminados cruelmente, mesmo com a promessa de Coutinho que lhes poupariam as vidas, caso rendessem; quando eles entregaram as armas, foram impiedosamente massacrados num local que passou para a história com o nome de “Capão da Traição”.

A questão d’um episódio como este – recheado de traição e sangue – mexe com o imaginário popular e já motivou especulações: chegaram até a erigir um marco em granito, com placa de bronze, sugerindo que o dito Capão ficaria nas imediações da igreja do padroeiro do atual Bairro Matosinhos, em São João del-Rei; outros dois lugares ainda foram apontados como os possíveis localizações do Capão da Traição; Basílio de Magalhães também indicou o Bairro Matosinhos, enquanto Eduardo Canabrava Barreiros indicou a localidade de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, rumo a São Paulo.

No entanto, há um relato importantíssimo do sargento-mor português Joseph Álvares de Oliveira, contemporâneo do acontecimento e que fora comandante de uma das companhias que defenderam as fortificações do Arraial Novo, e este deve ser o relato mais confiável a respeito da localização do Capão da Traição. Ele afirmou que o local estava a “coisa de légua e meia ao rumo do Norte, em um Capão”. Assim, seguindo

as orientações do sargento-mor, é possível localizar o local em questão nas imediações da margem direita do Rio das Mortes, nas proximidades da Fazenda do Pombal, Município de Coronel Xavier Chaves, entre os Rios Santo Antônio e Carandaí. É importante ressaltar que Joseph Álvares de Oliveira encontrava-se no Arraial Novo (atual São João del-Rei) e a distância de cerca de aproximadamente 10 km (uma légua e meia) foi calculada a partir de onde ele estava posicionado.

Não é minha pretensão e nem seria possível pretender que com este simples texto pudesse ser determinada a localização exata do Capão da Traição. O que há, isto sim, é a intenção de se provocar ações que culminem nesta exata localização, pensando no aniversário de 300 anos do final da Guerra dos Emboabas. Tais provocações foram feitas oficialmente por mim, enquanto presidente no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, e, também, de maneira formidável, através do que relatou o produtor rural e empresário Cipriano Chaves de Resende sobre a existência de vestígios de um antigo e quase que desconhecido cemitério no município de Coronel Xavier Chaves, sítio que está localizado no “Pasto da Lagoa”, parte integrante da atual Fazenda Ouro Fino (já denominada *Fazenda do Areão*, *Fazenda do Rio das Mortes* e *Fazenda Venda Nova*). Aquelas covas poderão mostrar códigos históricos que as justifiquem como depósitos das vítimas do massacre ocorrido no Capão da Traição.

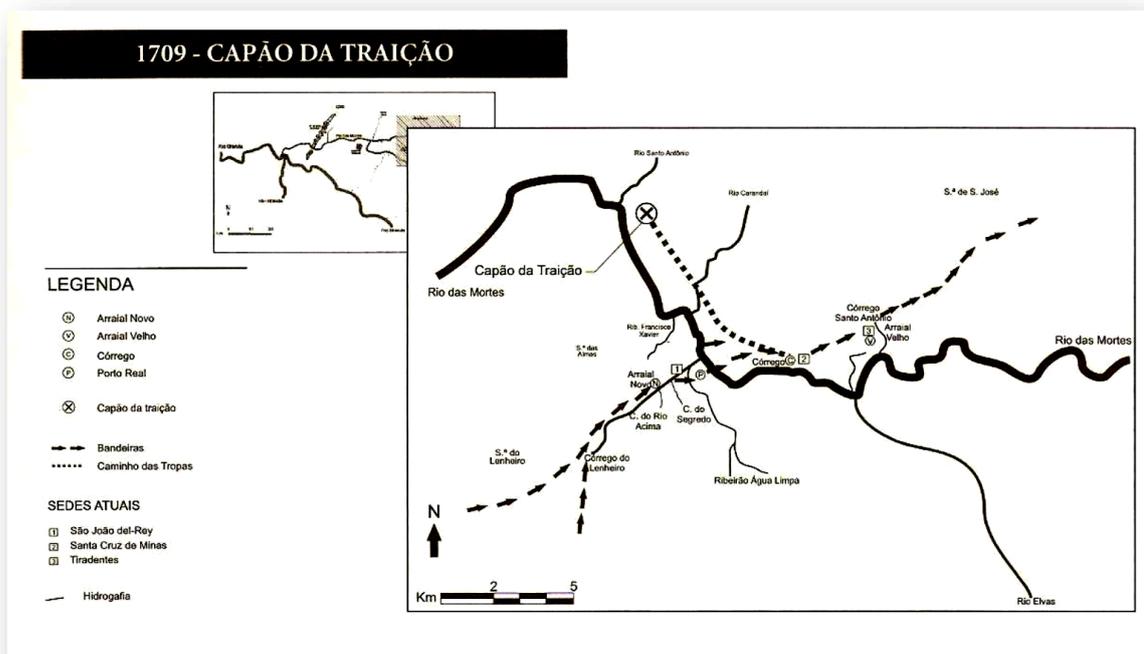
Este cronista sempre defendeu que para tentar descobrir o local do Capão da Traição seria interessante e/ou necessário estabelecer parcerias entre as prefeituras e as entidades histórico-culturais-educacionais de São João del-Rei e de Coronel Xavier Chaves (o atual prefeito desta última cidade, Helder Sávio, procurou-me e declarou que está bastante interessado no assunto). As ações deveriam de ter o apoio do Instituto Estrada Real, da 13ª Superintendência Regional do IPHAN-MG e do IEPHA-MG, no sentido de efetuar prospecções arqueológicas no local e descobrir a origem daquele cemitério, com a datação de restos mortais porventura ali encontrados, e a partir destes procedimentos, promover os estudos que fundamentem a localização do palco de um dos mais tristes e sangrentos episódios da Guerra dos Emboabas. Tais provocações já foram enviadas formalmente, pela presidência do IHG de São João del-Rei ao IEPHA e ao IPHAN no ano de 2007, mas, infelizmente, a questão está sem atendimento e resposta até o momento.

A hipótese de se efetuar pesquisas arqueológicas no sítio do antigo campo santo chamou a atenção do jornalista Gustavo Werneck. Ele veio até São João del-Rei, foi comigo e Cipriano até o local do suposto cemitério, o que deu lastro para que ele publicasse boa matéria no jornal *Estado de Minas*, reportagem que não surtiu os efeitos práticos e nem despertou as atenções esperadas dos órgãos governamentais de cultura, história e preservação da memória.

Em outubro de 2008, a *Revista de História*, editada pela Biblioteca Nacional, voltou a tocar no assunto sob o título *A Guerra da Memória - Na região dos Emboabas, poucos marcos remetem hoje ao episódio histórico ocorrido há 300 anos. No imaginário popular, persistem as lendas...*, matéria assinada por Lorenzo Aldé, que finalizou escrevendo: “A Guerra (dos Emboabas) pode estar meio esquecida. Mas ainda não acabou”.

Como os órgãos que responsáveis pelas pesquisas solicitadas não responderam aos clamores do IHG de São João del-Rei, houve quem estivesse mais afoito e quisesse tirar a dúvida por conta própria, escavando o local; para não se correr o risco de se profanar um possível patrimônio arqueológico de fundamental importância para Minas Gerais e para o Brasil, eu recomendei que não se arriscassem na empreitada oficiosa porque não havia recurso técnico e financeiro para realizar escavações da forma apropriada, e nem para proceder a datação do material que porventura fosse encontrado, e, então, a questão foi sensatamente abortada.

Mas, mesmo que seja um pouco tarde, se houver interesse oficial, ainda haverá tempo para se agir com boa vontade e firmeza históricas neste sentido, com a certeza de que se as ações forem agilizadas e colocadas em prática, terminaremos este ano do tricentenário do final da Guerra dos Emboabas e do massacre do Capão da Traição em plenas condições de dissipar algumas dúvidas e, conseqüentemente, apresentar belíssimas e reais contribuições para o conhecimento da nossa História!



Reprodução de mapa da página 79 do livro *Origens Históricas de São João del-Rei* (obra organizada e publicada pelo BDMG Cultural, sob a orientação de André G. D. Dangelo, 2006); este mapa foi baseado no desenho original de Geraldo Guimarães, confrade-fundador do IHG de São João del-Rei.

Este texto foi escrito no início do ano de 2009.